



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS:
LÍNGUA PORTUGUESA/LIBRAS/LÍNGUA INGLESA**

CRISLANE DOS SANTOS NASCIMENTO

**AVALIAÇÃO DE ATITUDES E CRENÇAS SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
ENTRE ALUNOS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
AMARGOSA/BA**

AMARGOSA/BA

2019

CRISLANE DOS SANTOS NASCIMENTO

**AVALIAÇÃO DE ATITUDES E CRENÇAS SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
ENTRE ALUNOS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
AMARGOSA/BA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito parcial para obtenção de grau em licenciatura em Letras: Língua Portuguesa/Libras/Língua Inglesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Dalla Vecchia

AMARGOSA/BA

2019

CRISLANE DOS SANTOS NASCIMENTO

**AVALIAÇÃO DE ATITUDES E CRENÇAS SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
ENTRE ALUNOS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
AMARGOSA/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa/Libras/Língua Inglesa pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, *campus* Centro de Formação de Professores, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras, à seguinte banca examinadora.

Aprovado em 11 de dezembro de 2019.

Banca Examinadora

Adriana Dalla Vecchia

Prof.^a Dr.^a Adriana Dalla Vecchia (orientadora)
UFRB

Fernanda Maria Almeida dos Santos

Prof.^a Dr.^a Fernanda Maria Almeida dos Santos
UFBA

Lisana Rodrigues Trindade Sampaio

Prof.^a Dr.^a Lisana Rodrigues Trindade Sampaio
UFRB

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ter me dado força, sabedoria e estar sempre presente em minha vida, meu eterno amado. Agradeço também pela poderosa intercessão da Virgem mãe Maria Santíssima, que intercedeu e intercede sempre a seu filho Jesus por mim.

Agradeço a minha família, de forma muito especial a minha mãe Maria Cleuza, por todo apoio, confiança, amor, palavras de carinho e coragem, te amo minha mãe. Aqui também quero agradecer a minha irmã, pelas palavras de carinho e pela preocupação sobre a escrita se estava tudo bem. Ao meu pai Julio Borges pelo suporte em questões relacionadas à permanência, aos meus irmãos principalmente Gerlon Nascimento por estar sempre me ajudando de forma particular, amo cada um de forma muito especial.

Ao Projeto Futuro Doutor (hoje Bolsa Permanência) na pessoa do professor Jósias Maltez, por todo empenho e engajamento para que eu e vários outros alunos adentrássemos o ambiente acadêmico universitário, você é verdadeiramente um enviado de Deus. Obrigado por todo incentivo em continuar estudando e acreditar na educação como uma arma transformadora do futuro de uma nação.

Às meninas que residiram e as que residem ainda aqui comigo, pela ajuda de umas ao chegar no CFP (Centro de Formação de Professores), pelas orações de outras, de que tudo iria dar certo, por estar sempre ao meu lado, que Deus as abençoe sempre. Agradeço também aos meus irmãos de caminhada de igreja que torceram pela minha vitória e que rezam sempre por mim, aqui fica o meu muito obrigado, amo vocês.

Ao Grupo PET Afirmação, na pessoa da ex-tutora, do atual tutor e das minhas colegas pelo tempo que partilhamos juntos de grande aprendizado, obrigado por tudo.

Agradeço às professoras componentes da banca examinadora. Desde já meu muito obrigado pelas contribuições relevantes ao meu trabalho.

E, por fim, não menos importante, mas muito importante, significativa e essencial nesse momento de escrita, a minha querida orientadora Adriana Dalla Vecchia. Você não sabe, saberá agora, mas você foi e é um presente de Deus em minha vida, enviada por Deus para me auxiliar em um momento de desesperança e que eu já não sabia o que fazer, só rezar e esperar. Então eu creio verdadeiramente

que Deus a colocou em minha vida para me dar todo o suporte que eu precisava para a escrita desse TCC, Deus lhe abençoe cada vez mais. Muito obrigada.

SALMO (121)

*Ergo os olhos para os montes:
de onde virá o meu socorro? O meu
socorro vem do Senhor, que fez o céu
e a terra.*

*Ele não deixará que o seu pé tropece,
o seu guarda jamais dormirá!
Sim, não dorme nem cochila
o guarda de Israel.*

*O Senhor guarda você sob a sua sombra,
ele está à sua direita.
De dia o sol não ferirá você,
nem a lua de noite.
O Senhor guarda você de todo o mal,
ele guarda a sua vida.
O Senhor guarda suas entradas e saídas,
desde agora e para sempre.*

NASCIMENTO, Crislane dos Santos. **Avaliação de atitudes e crenças sobre variação linguística entre alunos dos anos finais do ensino fundamental de Amargosa/Ba.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2019.

Resumo: O presente trabalho tem por iniciativa apresentar reflexões sobre os resultados obtidos através de uma pesquisa de campo sobre a avaliação de atitudes e crenças de alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental de uma escola situada em Amargosa/BA sobre variação linguística, a partir do estudo conceitual de referenciais teóricos que se alinham ao processo da avaliação linguística e de crenças. Silva e Botassini dizem que as crenças não apenas afetam a forma como as pessoas se comportam, mas também o que elas percebem em seu ambiente e que, ao contrário do que diz o ditado “ver para crer”, é mais provável que seja “crer para ver” (2015, p. 71). Nesse sentido, buscando uma melhor compreensão sobre as referidas contribuições, tem como objetivo geral: analisar as crenças e atitudes em relação à variação e ao preconceito linguístico entre falantes de uma mesma realidade. Em relação aos objetivos específicos, o estudo busca: Identificar crenças que subjazem às discussões sobre preconceito linguístico e variação linguística; reconhecer as noções de monitoramento de uso de língua presentes na fala dos informantes. Como procedimento, utilizamos o método pesquisa de campo, que pretende buscar a informação diretamente com o público da pesquisa, tentando compreender o que este compreende a respeito das temáticas enfocadas neste estudo. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. “Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre e reunir um conjunto de informações a serem documentadas” (PIANA, 2009, p. 169). Mediante análise dos questionários ficou entendido que as crenças e atitudes em relação à variação e ao preconceito linguístico entre falantes de uma mesma realidade, estão associadas e atrelados a fatores sociais e sobre o que aprendem ao longo do processo escolar. Diante disso, entende-se que a avaliação de atitudes e crenças desponta como fundamental para compreender o desenvolvimento linguístico e as crenças dos participantes do estudo referentes à língua, estimulando uma prática de linguagem mais consciente da variação linguística e do preconceito que pode permeá-las.

Palavras-chave: Crenças; Variação linguística; Monitoramento linguístico.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. CRENÇAS E ATITUDES LINGUISTICAS: UMA MIRADA TEÓRICA	12
3. VARIAÇÃO LINGUISTICA E CONCEPÇÃO DE LÍNGUA	21
3.1. VALORAÇÃO DE VARIEDADES LINGUISTICAS	24
3.2. ESTIGMA SOCIAL	27
3.3. PRECONCEITO LINGUÍSTICO	31
4. ANÁLISE DE DADOS	33
4.1. ANÁLISES, CRENÇAS E ATITUDES LINGUISTICAS	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE	44
APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PARTICIPANTES	45

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo traz reflexões sobre crenças e atitudes linguísticas, esclarecendo que é algo que está associado à nossa vida, ao cotidiano, pois não nos damos conta de que estamos analisando a fala do outro, é algo natural e que acontece sem ao menos perceber.

É a partir dessas atitudes linguísticas que o interesse por este estudo surgiu, mediante o convívio com pessoas que falam de formas diferentes e variadas, e por já terem vivenciado situações de correções automáticas à fala do outro. Nesses casos, as pessoas sentem constrangimento em relação a ler em voz alta na presença dos outros, porque acreditam não ler “corretamente”, “certo”, “iam rir de sua leitura”, ou porque não se sentem capazes de fazer algo que é natural do ser humano.

O monitoramento que acontece na língua desse falante está relacionado com aquilo que se acredita ou julga ser correto. Havendo então, vários fatores que influenciam a variação linguística, ou seja, os fatores que estão associados à questão socioeconômica, histórica, relacionado também com a escolarização e idade, uma vez que, pessoas que não tiveram acesso à escolarização ou que já têm idade avançada, falam diferente dos mais jovens e dos que são escolarizados. Em alguns casos, porém, mesmo sendo escolarizadas, algumas pessoas falam diferente dos ditos falantes cultos, que têm uma língua de prestígio social valorizada. Isso porque uma mesma pessoa usa a língua de diferentes formas.

Sendo assim, proponho neste trabalho de alguma maneira ajudar as pessoas a conhecerem que falar de forma variada é diferente de “não saber falar ou ler”. Acredita-se que a mudança linguística, faz parte desse ambiente em que se está, desse quesito em que ao passo que o mundo vai crescendo com suas tecnologias, a língua que também é dinâmica, está variando e mudando. Dito isso, é necessário que a mesma mude, não há uma regra obrigando que a língua mude, mas sim um comportamento, um fenômeno social, acontece de acordo com as transformações feitas na sociedade. Em consonância a esse pensamento, a língua tem uma conexão, como abordam Silva e Aguilera (2014, p.3), “existe uma tríade indissociável homem-língua-sociedade, pois cada componente depende do outro para existir”. Havendo dessa forma uma união entre ambos, para que um quesito ocorra precisa da intervenção do outro.

Diante do exposto, é possível observar que na maioria das vezes, o meio em que vivemos tem relação com nosso jeito de agir, mas isso não quer dizer que seja necessário mudar por completo a forma própria de falar e de se comportar, pois não deveria importar se alguém tem condições mais favoráveis que outra pessoa e se sinta no direito de corrigi-la, ou até mesmo praticar preconceito, mas isso é por que as pessoas tendem a mudar de acordo com o ambiente em que vivem.

Além disso, pode-se dizer que pessoas que não têm um grau de conhecimento em determinado assunto, ou que conhecem dada palavra por outro nome/definição poderá ser incluída no mesmo convívio interacional que as outras, mesmo os ditos falantes cultos predeterminando o seu espaço de fala, ou seja, a sua situação socioeconômica implicará um choque de realidade para a classe prestigiada nesses espaços que são pré-determinados para os ditos falantes cultos.

Partindo dessas reflexões, esta pesquisa propõe buscar subsídios para o monitoramento da variação linguística e suas crenças sobre a língua falada, tendo como foco central falantes de diferentes idades. Há que se constatar que esse tema foi estudado de maneira que trouxesse uma reflexão para entender como se constitui a crença dos alunos na escola da cidade de Amargosa-Ba. Tendo como tema a avaliação de atitudes e crenças sobre variação linguística entre alunos dos anos finais do ensino fundamental de Amargosa/Ba, procurando compreender como se dá a descrição e análise/atitude entre falantes do ensino fundamental.

Feitas as considerações acima, destaca-se a seguinte questão: será que por acreditarmos em um padrão idealizado de língua, a língua que usamos no dia a dia é inferiorizada por meio dos mecanismos de monitoramento? Por que deixamos de lado as nossas crenças sobre o que acreditamos e já sabemos sobre a língua para pôr sempre à frente o padrão ou modelo que devemos/deveríamos seguir cotidianamente?

Nessa direção, a fim de obter respostas para a indagação anterior, delineou-se como objetivo geral: Analisar as crenças e atitudes em relação à variação e ao preconceito linguístico entre falantes de uma escola de Amargosa-Ba. Para isso, buscou-se alcançar os seguintes objetivos específicos: Identificar crenças que subjazem às discussões sobre preconceito linguístico e variação linguística; reconhecer as noções de monitoramento de uso de língua presentes na fala dos participantes.

Quanto aos aspectos metodológicos que amparam esse trabalho, a pesquisa assumiu uma abordagem qualitativa interpretativista, que corresponde ao aprofundamento do conhecimento para interpretar, mediante análise dos dados em consonância com o contexto de geração. Para isso, utilizou-se como procedimento a pesquisa de campo, que, de acordo (PIANA, 2009, p. 169), “nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.”. A pesquisa foi realizada em uma escola estadual localizada na zona urbana da cidade de Amargosa-Ba, a qual atende ao público dos Anos Finais do Ensino Fundamental, do 6.º ano até o 3º ano do Ensino Médio. A pesquisa realizou-se com 22 (vinte e dois) alunos do 9.º ano, contemplando a faixa etária entre 16 e 22 anos.

Recorremos às discussões provenientes de estudos sobre crenças e atitudes linguísticas, na perspectiva sociolinguística de Aguilera (2008), bem como na mirada da Linguística Aplicada na voz de Barcelos (2004). Também toma-se como base William Labov (2007) da área da sociolinguística variacionista e discussões sobre a contribuição da sociolinguística para o ensino de língua, possibilitadas por Marcos Bagno (2001, 2007, 2012 e 2013), José Luiz Fiorin (2011), Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes (2012).

Nesse sentido, visando alcançar os objetivos estabelecidos, este trabalho monográfico está dividido em quatro capítulos. O Segundo capítulo apresenta uma abordagem sobre o conceito de crenças e atitudes linguísticas, procurando esclarecer o que os teóricos dizem a esse respeito, considerando que essas temáticas estão presentes em nosso dia a dia, em nossas expressões, atitudes, falas e naquilo que acreditamos.

O terceiro capítulo direciona-se à variação linguística e concepção de língua. As contribuições sobre o português não-padrão ou português popular brasileiro, com questionamentos que são frequentes em nossa realidade. Partindo do pressuposto de que quando esta norma é imposta pelos gramáticos tradicionalistas, faz com que haja um distanciamento da população brasileira com essa língua que começa a ser vista como difícil (FARACO, 2015; BAGNO, 2001, 2007, 2012, 2013). Abordamos nesse capítulo ainda sobre o preconceito linguístico que ocorre na maioria das vezes de forma invisível, que não é perceptível imediatamente. Há casos em que a pessoa que sofreu preconceito sem saber que tinha sofrido, já que pode ter se acostumado a lhe corrigirem e aceitar dizendo que não sabe falar “correto”.

No quarto capítulo, discorreremos sobre a análise de dados, principais resultados obtidos com a geração de dados. Para que a análise fosse feita de forma mais precisa, selecionaram-se as respostas dos informantes que se mantiveram nas temáticas das perguntas feitas.

E por fim, as considerações finais, dando ênfase aos principais resultados e interpretações geradas pelo estudo.

2. CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: UMA MIRADA TEÓRICA

Desde os anos 90, as pesquisas sobre crenças e atitudes linguísticas começaram a surgir dentro da psicologia social, voltadas para compreensão de crenças e atitudes referente a um objeto social (SILVA; BOTASSINI, 2015). Segundo Silva e Botassini (2015, p. 68), “falar em objeto social pressupõe falar, dentre outras coisas, a respeito da língua” e falar em atitude social pode nos levar a focar a atitude linguística.

Atualmente, os estudos sob tal ótica têm contribuído para a compreensão da variação linguística e, de acordo com Silva e Botassini (2015), para o processo de ensino e aprendizagem embasado em uma perspectiva orientada pela noção de diversidade. Assim, é possível entender por meio de estudos como este como os padrões de uso da linguagem são valorados e como o prestígio linguístico é construído e mantido. Desse modo, concordamos com os pesquisadores quando dizem que:

Pesquisas sobre Crenças e Atitudes linguísticas podem ampliar a discussão sobre os fatores de mudanças linguísticas, sobre a influência no aprendizado de segundas línguas, sobre as questões de prestígio e desprestígio – que levam ao preconceito não só em relação à língua que o outro fala, mas também em relação à comunidade desses falantes (SILVA; BOTASSINI, 2015, p. 62).

O referencial, a bagagem de conhecimento e experiência estão presentes em cada fala e/ou produção escrita, é difícil se desvencilhar do que acreditam sobre determinada coisa. Isso se constitui pelo fato de as ações e crenças estarem relacionadas umas com as outras de forma dinâmica, interativa e porque as crenças influenciam as atitudes. Dessa maneira, percebe-se que a mudança linguística está cada vez mais sendo ampliada, pelo simples fato de as pesquisas estarem com maior foco no que diz respeito ao aprendizado de outras línguas.

A palavra crença contém vários significados que estão voltados para os preceitos religiosos relacionados a fé, ou seja, a crença se baseia na fé, acreditar em algo que não vemos, mas avaliamos e julgamos ser real, crer no invisível. Dessa forma, fica claro que a partir do momento em que discutimos, falamos algo ou apresentamos, passamos a acreditar se aquele fato é verdade ou não. Estando então, procurando significados ou explicações para aquilo que se conhece ou que se acabou de descobrir.

A crença está relacionada com a avaliação de elementos irracionais, uma sensação que já traz, criando assim uma certeza sobre dada coisa, podendo ser modificadas ao longo do tempo. Isso porque de acordo com o ambiente e situações que vamos vivenciando criamos conceitos diferentes, enxergamos de forma contrária ou igual a que víamos.

O ambiente familiar influencia bastante, pois a partir da vivência com a família vamos nos apropriando de conceitos que não conhecíamos, ou de palavras que conhecíamos por um conceito diferente. Sendo assim, quanto mais se aprende se constrói uma identidade, um discurso de construção que a linguagem e a língua em nosso meio social torna realidade. Portanto, quanto mais discutimos sobre algo se passa acreditar que é verdade ou não, surgindo questionamentos para outras possibilidades. As crenças fazem parte dos nossos pensamentos, são também características de cada contexto, lugar de fala de cada pessoa, quem fala, variando assim, de acordo com os fatores linguísticos ou extralinguísticos.

Já os estudiosos dessa área, tendo como base nesse momento a literatura, Madeira (2005) aborda a seguinte definição relacionado a crença, “imaginário, representações, cultura de aprender e filosofia de aprender” (MADEIRA, 2005, p.2). O julgamento nos faz acreditar em algo, ou seja, quando julgamos ser verdade algo e começamos a acreditar passa a ser verdade para quem acredita. Entende-se então dessa forma que tem saberes que são questionados, pois nem tudo é permanente, convicto de plena certeza, são na verdade certezas presentes que levarão para um questionamento e investigação futura, surgindo outras respostas ou concordâncias para a mesma e também outras culturas passam a surgir.

De acordo com Barcelos (2004), o conceito de crença surgiu a partir do interesse de professores e alunos em estudar uma outra língua, ou seja, a partir do momento em que se busca mecanismos para comprovar ou questionar algo, ou que se tem outro pensamento diferente, passando então a se acreditar em outros significados, ou esperando assim outra resposta sobre o mesmo assunto, passa então a se ter outra crença sobre o mesmo significado. É então, que começa a se analisar o termo crença, pois, mediante a uma infinidade de definições sobre um assunto, se tem a curiosidade de pesquisar o porquê dessa palavra fazer parte do nosso vocabulário. Para esses questionamentos, Madeira nos apresenta o seguinte:

A partir da década de oitenta, uma nova realidade surgiu na área de ensino de línguas estrangeiras. A então nova e revolucionária abordagem comunicativa para o ensino de línguas fez mudar a concepção que se tinha sobre como se aprende um novo idioma (MADEIRA,2005, p.1).

Essa realidade abriu caminho para que se começasse a investigar como se aprende um novo idioma, quais suas transformações e concepções sobre esse processo de aquisição.

Isso fez com que novas metodologias, relacionadas a crença, fossem questionadas e novos caminhos tomados, fazendo com que tanto professores quanto alunos fossem questionados sobre o material didático que estava sendo aplicado e sobre novos conceitos e uma nova língua e como iriam lidar com toda essa diversidade. O que se pode perceber é que esse método se aplica nos dias atuais, não só nas línguas estrangeiras, mas também relacionados a conceitos do nosso cotidiano, sobre coisas que não percebemos na maioria das vezes.

[...] Já no início do século passado, Dewey (1933, p.6), se referiu a crença como um conceito que “cobre todas as questões sobre as quais não temos um conhecimento certo, mas (...) aceitamos como verdade, como conhecimento, mas que mesmo assim podem vir a ser questionadas no futuro” (MADEIRA, 2005, p. 2).

Na verdade, a palavra “crença” é originária do latim medieval (“*credentia*”, que vem do verbo “*credere*”), é definida por Ferreira (1986, p.196) como “opiniões adotadas com fé e convicção” e também com “convicção íntima”.

A crença é uma certeza que o ser humano tem, certeza de algo internalizado, que está na vida. Desse ponto de vista pode-se perceber que a crença não é algo avulso, que está na moda e adquirimos, mas sim costumes, vivências com pessoas de mais idade, e também de uma convicção sobre determinada situação ou palavra. Ela exclui a dúvida, porém não está firmada nos conhecimentos científicos, ou seja, por mais que a sua dúvida deixe de existir, mas não está com base no campo científico, ela continuará sendo um conhecimento individual e não um conhecimento provável, tendo fundamentação na ciência.

Nesse sentido, as crenças são na maioria das vezes uma relação que as pessoas fazem entre a língua que falam e a que é adquirida, ou seja, uma está interligada a outra, tornando-a então uma conexão de saberes e aprendizagens, se aproximando cada vez mais. Pois, a língua em si tem uma conexão que faz com que

elas se entrelacem, andem de acordo com as regras e também com o que acreditamos.

Se pudéssemos ilustrar esse momento, teríamos o desenho de uma rede intrincada de relações e inter-relações das crenças, cada uma delas representando uma crença interligada com vários outros fios do contexto, em momentos específicos (BARCELOS 2004, p. 137).

Diante disso o autor esclarece que, as “crenças são parte das nossas experiências e estão inter-relacionadas com o meio em que vivemos” (BARCELOS 2000, p. 59 apud BARCELOS, 2004, p. 137). Dessa forma, entende-se que a vivência e interação que acontece dentro e fora do convívio influenciam para uma inter-relação, adequando ao seu espaço de convivência.

As atitudes, os valores, as opiniões, a teoria pessoal, modo pessoal de entender ou crer, contexto social, experiência de cada pessoa, mutáveis, coletiva, expectativa, conceito social e não somente cognitivo, faz parte do contexto construtivo da crença, da fundamentação para que venha a ser conhecida pelos mecanismos que a compõem e não algo dissociado da sociedade.

Quando estamos no período de aquisição da linguagem recorreremos a vários meios, um deles é a nossa família, pois é no âmbito familiar que começamos a balbuciar as primeiras palavras. A partir daí damos início ao nosso processo de conhecimento, troca, mudança de palavras por outras que nos agradam mais, ou que é mais usada por quem está a nossa volta, por onde andamos, ou o status social do falante que ouvimos sempre.

Todos esses processos nos influenciam a crer em determinada forma de se falar uma palavra e reproduzi-la sempre daquela forma que já nos acostumamos. Passam a surgir, então, questionamentos a respeito de crenças e atitudes linguísticas sobre a língua e diferentes pontos de vista de interpretação. Dessa forma, são feitas investigações para se ter um conhecimento sobre a aplicação dessas teorias.

A teoria das avaliações e monitoramento da língua é uma delas, e sua relação com as crenças, pois ambas não estão dissociadas, mas sim entrelaçadas, uma vez que as atitudes refletem no meu posicionamento sobre aquilo em que acredito, tanto por já ter escutado de pessoas de mais idade, quanto por vivenciar o dia a dia. Ou seja, o meio em que vive e as línguas com que se tem contato influenciam em relação ao comportamento e crença de atitudes em relação ao outro.

Segundo Barcelos (2004) “as crenças sobre aprendizagem de línguas vem sendo objeto de inúmeras investigações, tanto no exterior quanto no Brasil” (BARCELOS, 2004, p.2), isto é, tanto em outros países como no Brasil, está se investigando para se ter resultados concretos, a respeito do que são as crenças e como estas influenciam em atitudes de modo geral e mais especificamente no contato das pessoas com línguas diversas.

É importante frisar que na conferência da Associação Internacional de Linguística Aplicada, em 1999, pela primeira vez houve um simpósio sobre crenças de aprendizagem de línguas e, mais tarde, no mesmo ano foi publicado um volume do periódico, *System*, dedicado a crenças sobre aprendizagem de línguas (BARCELOS, 2004, p. 2-3).

De acordo com a pesquisadora, existe uma importância de se falar sobre crença, destacando sobre a primeira vez em que se começa a pesquisar sobre a temática. Dessa forma, faz-se diferentes abordagens, conectando as aprendizagens e os estudos que são feitos dentro da linguística aplicada, buscando cada vez mais apresentar a sua difusão e inserção no nosso meio, sempre pensando nas definições e no estudo sobre o que acreditamos.

Conhecemos determinada etnia de um povo por sua fala, seu jeito de falar, ou seja, a forma como as pessoas se comportam são diferentes variam de região, isso pois está ligado com o ideário que muitas pessoas já colocaram na mente, de diagnosticar a pessoa de acordo com sua fala e a partir daí julgá-la, cometendo o preconceito linguístico ou a avaliação linguística. Avaliando a sua fala, seu comportamento, diante de situações, palavras e ações que são de costumes iguais ou não, mas que estranhemos, reagimos de forma positiva ou negativa, com palavras pejorativas na maioria das vezes, julgando a nossa fala ser melhor que a do outro ou que a nossa região é melhor. Sendo assim, Aguilera (2008) explicita que:

Um traço definidor da identidade do grupo (etnia, povo) é a variedade linguística assumida e, desse modo, qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode, na realidade, ser uma reação às variedades usadas por esse grupo ou aos indivíduos usuários dessa variedade, uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo (AGUILERA, 2008, p. 2)

As atitudes e crenças em relação à língua falada por pessoas não alfabetizadas, negras ou de classe social baixa, é de correção imediata, camuflada ou

então oculta, menosprezo ao saber linguístico de cada indivíduo, tendo também a atitude de deboche.

Observamos muitas vezes que as pessoas pronunciam palavras diferentes, próprias do grupo que fazem parte, ou que tem um puxado a mais em determinadas palavras, letras, percebe-se e destaca na maioria das vezes que algumas pessoas ao saírem de sua cidade de origem e residirem em outra cidade por um período quando retorna para sua cidade de origem, percebe-se que está falando diferente, com sotaque, fala até de forma rebuscada, se limita a dialogar com os outros familiares, vizinhos os nativos de sua comunidade. Isso demarca um diferencial que não se sabe como lidar, quando se conhece outra língua e atualiza a que se tem ou acaba substituindo a nova língua pela sua de origem.

Alguns componentes compõem a atitude linguística, tais como o componente cognoscitivo, afetivo e o conativo. Esses componentes esclarecem sobre a dimensão das atitudes linguísticas que falantes têm em relação a fala do outro, ou seja, o processo se dá a partir de diferentes maneiras, discutindo então como cada um desses é representado na manifestação linguística.

O componente cognoscitivo teria o maior peso sobre os demais por conformar, em larga escala, a consciência sociolingüística, uma vez que nele intervêm os conhecimentos e pré-julgamentos dos falantes: consciência lingüística, crenças, estereótipos, expectativas sociais (prestígio, ascensão), grau de bilingüismo, características da personalidade, etc. (MOLINA, 1998, p.31, apud AGUILERA 2008, p. 2).

Percebe-se então que o componente cognoscitivo é o que tem mais peso, pois está relacionado com o saber, com o que acreditamos, com o que praticamos, julgamos ou pré-julgamos. Tendo como ponto de apoio o que está em sua volta, a sociedade, se essa língua tem um valor social ou não se é reconhecida tendo um prestígio, assim como muitos falantes julgam ter, que sua língua é mais importante que a outra. Julgamento esse que já fica a encargo do componente afetivo.

O componente afetivo, “por sua vez, está alicerçado em juízos de valor (estima-ódio) acerca das características da fala: variedade dialetal, acento; da associação com traços de identidade; etnicidade, lealdade, valor simbólico, orgulho; e do sentimento de solidariedade com o grupo a que pertence” (MOLINA 1998, p.31, apud AGUILERA 2008, p.2).

Dessa forma, o componente afetivo tem em si uma valoração, ao que está relacionado à fala e aos seus componentes, pois a fala está ligada com o dialeto do

povo da mesma ou diferentes comunidades, a grafia (escrita), a característica identitária com o seu povo, o valor simbólico e não o material, isso porque traz consigo um apego familiar, o prezar por sua etnia, o reconhecimento, agradecimento, como o seu próprio nome já diz afetividade, afetividade pela sua raiz de origem por sua nação.

Quanto ao componente conativo, “reflete a intenção de conduta, o plano de ação sob determinados contextos e circunstâncias. Mostra a tendência a atuar e a reagir com seus interlocutores em diferentes âmbitos ou domínios: rua, casa, escola, loja, trabalho” (MOLINA 1998, p.31, *apud* AGUILERA 2008, p.2).

Fica claro que a conduta é o foco, pois a condução está ligada diretamente com o contexto, com circunstâncias em que vão ocorrendo ou que estão postas. A partir daí se terá um mecanismo de atuação para que se desloque em diferentes situações e lugares, sendo ela em ambientes reservados ou não, formais ou não. Tudo isso está ligado à consciência linguística que os falantes fazem uso, principalmente de sua competência.

As atitudes acontecem de forma decisiva sobre a vida da pessoa, pois, essa, tem uma recepção favorável ou não diante das atitudes linguísticas do outro, ou seja, para que uma língua venha a ser desenvolvida ou ocorrer variação e permanecer atuante a sociedade, esta precisa ter uma boa recepção, se não viera ocorrer isso a mesma não será aceita e poderá deixar de existir tanto no âmbito social, fora da comunidade quanto dentro, reprimindo também o falante. Dessa forma, Moreno Fernández esclarece que, “uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou uma mudança linguística” (1998, p.179, *apud* SILVA; AGUILERA 2014, p.2).

Nesse sentido fica claro que para ocorrer um processo de variação linguística, precisa ser aceito o processo, não discriminado pelos ditos falantes cultos ou até mesmo por aqueles que se acham no direito de recriminar a língua do outro. Isso também implica na questão do que se está falando, pois, se for uma palavra que não faz sentido ser mudada, que não tem o porquê de ocorrer a variação, logo, esta não será aceita pela grande maioria.

Acredita-se que a avaliação de atitudes e a mudança linguística, fazem parte desse ambiente em que se está, desse quesito em que ao passo que o mundo vai crescendo com suas tecnologias, a língua que também é dinâmica, vai variando, mudando. Portanto, é necessário que a mesma mude, não há uma regra obrigando

que a língua mude, mas sim um comportamento, um fenômeno social, acontece de acordo com as transformações feitas na sociedade.

Surge então um ponto a ser questionado, que é a recepção dos indivíduos frente a uma nova língua, a um novo dialeto, provocando posicionamentos e comportamentos diferentes, isso porque a recepção não se dá da mesma forma para todos, cada pessoa recebe a mudança linguística de forma diferente.

Desse modo, os indivíduos desencadeiam atitudes movidas pelas crenças linguísticas impregnadas, ao longo do tempo pela sociedade, na língua e nos dialetos, manifestando, assim, atitudes de rejeição ou de aceitação, de preconceito ou prestígio, de correção ou de erro, dentre outras (SILVA; AGUILERA 2014, p. 3).

Esse comportamento implica no que já foi citado acima, sobre a aceitação, o preconceito ou o prestígio social, o ato de querer corrigir imediatamente e julgá-lo. Julgando na maioria das vezes a forma como o outro fala e como se comporta enquanto fala e também de que lugar está falando.

A nossa aprendizagem está para além da sala de aula, se desenvolve no convívio, nos espaços que percorremos e com quem interagimos. Pois, a forma como nos expressamos e como falamos determinada palavra, tem influência sobre o olhar da outra pessoa, fazendo assim, uma avaliação sobre quem está falando. Portanto, a forma como usamos a língua, se destacará de acordo com o que vêm do falante. Kalaja apud Barcelos, aborda sobre essa questão esclarecendo que,

Kalaja (1995, 2000) propôs uma abordagem discursiva de crenças sobre aprendizagem. Os pressupostos dessa abordagem são que (a) o uso da língua é social e orientado para a ação; (b) a linguagem cria realidade; e (c) o conhecimento científico e concepções leigas são construções sociais do mundo. Crenças são construídas no discurso (KALAJA 1995, 2000 apud BARCELOS 2004, p. 140).

Nesse caso, é perceptível que a inter-relação é na verdade uma ligação mais próxima, que está interligada na língua que vamos tendo mais afinidade, uma conexão linguística. Uma relação verdadeira, que nos leva a reagir de maneira ativa, com base em costumes para além do espaço que estamos acostumados a viver, mas sim do espaço aberto que andamos, corremos e percorremos, que é o espaço de maior interação social.

A avaliação de atitudes e crenças frente à variação linguística é na verdade o julgamento que falantes fazem tanto em relação a sua língua quanto ao dialeto

utilizado por outra pessoa. Digamos que as atitudes e crenças são pelo modo de agir, ou seja, uma reação de correção a um estímulo a resposta do falante, ou também que é uma categoria intermediária entre um estímulo e uma ação individual uma disposição mental.

3. VARIAÇÃO LINGUISTICA E CONCEPÇÃO DE LÍNGUA

A variação linguística é a forma variada que se tem em relação ao uso de uma mesma língua. A variação linguística, pensando no contexto escolar, se estabelece a partir do momento que há uma “democratização” do ensino no Brasil. Bagno (2007) aborda o seguinte sobre a variação,

Razão muito importante para que a variação linguística se torne objeto e objetivo do ensino de língua é a profunda **transformação do perfil socioeconômico e cultural** da população que frequenta as escolas públicas brasileiras, seja para ensinar, seja para aprender (BAGNO, 2007, p. 30).

Essa afirmação está relacionada ao simples fato de antigamente o acesso as escolas serem priorizados para a classe média alta e principalmente para quem morava na cidade, pois, só na zona urbana haviam escolas. Portanto, depois que a classe desprestigiada, morador de zona rural passa a adentrar as escolas, começa a ocorrer um processo de variação linguística, ou seja, as pessoas da zona urbana falavam de forma diferente das da zona rural, seu comportamento linguístico se dava de diferentes maneiras, uma delas era a variação social.

A partir dos anos 1960, tudo isso se modificou. A grande massa de alunas e alunos das novas escolas públicas falavam (e fala) variedades linguísticas muito diferentes das variedades urbanas usadas pelas camadas sociais prestigiadas, e mais diferentes ainda da norma-padrão tradicional, modelo de língua “correta” que o ensino tentava (e em boa parte ainda tenta) transmitir e preservar (BAGNO, 2007, p. 32).

Dessa forma, pode-se destacar que a variação linguística surge a partir de um comparativo entre a língua falada por pessoas da zona rural, entre a camada social prestigiada e aquela que até hoje é tida como a “correta” que é a norma padrão tradicional. Um dos principais pesquisadores a tratar da variação linguística, William Labov, afirma o seguinte:

Em meados dos anos 60 do século XX, esse estudioso introduziu novas discussões acerca da heterogeneidade da língua, o que, mais tarde, serviria de base para a sedimentação de outras características dessa disciplina, considerada um ramo da Linguística (OLIVEIRA, 2017, p. 2).

Esse fato linguístico que podemos nunca ter percebido, e que é uma característica predominante do nosso meio é conhecido como variação linguística, ou

seja, nos comunicamos com pessoas de diferentes cidades, regiões e mesmo assim entendemos o que o outro quer dizer, pois as diferenças não impedem que nos comuniquemos com o outro, que entendamos a sua fala. Pode haver situações de não entendermos o que o outro está falando, isso porque difere do léxico, ou seja, o vocabulário que certa comunidade fala, se a sua cultura for muito diferente da outra.

A língua é o conjunto de signos e de elementos que constituem a linguagem falada ou escrita peculiar a uma comunidade, e desenvolvida pelos seres humanos. Pode ser entendida também como um produto de fala de cada indivíduo e que evolui, pois com certo tempo de uso ela começa a sofrer modificações. A linguagem, por sua vez, é a interação/comunicação que falantes têm, sendo ela verbal ou não-verbal, é necessário que as palavras estejam organizadas e coerentes para a compreensão do ouvinte. É também a capacidade que seres humanos têm de se comunicar por meio de línguas, exprimindo seus pensamentos e sentimentos por meio de vocábulo. Vocábulos esse que são usados por pessoas escolarizadas ou não. De acordo com Bagno,

O real estado da língua é o das águas de um rio, que nunca param de correr e de se agitar, que sobem e descem conforme o regime das chuvas, sujeitas a se precipitar por cachoeiras, a se estreitar entre as montanhas e a se alargar pelas planícies (BAGNO, 2007, p. 36).

Sendo assim, percebe-se que a língua não é fixa, é dinâmica, e está em constante processo de movimento, ou seja, tem sistemas estáticos, mas não é estática, pois não há um equilíbrio dessa língua, e a mesma não fica parada. Isso se dá pelo fato de ocorrerem variações na língua fazendo com que não seja homogênea. Ou seja, mesmo com o léxico variado, os falantes da norma padrão insistem em estigmatizá-la, sendo esta vista como uma língua que não se adequa aos meios sociais, de conexão com o mundo “civilizado”.

Há uma separação entre sistema e discurso, e que durante a tradição linguística foi mantida apesar de haver uma “alegação saussuriana de que a língua é a parte social da linguagem” (CAMACHO, 2012, p.51). Portanto, “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes” (CALVET, 2002, p. 12), pois já traz consigo todo um contexto enraizado de um período anterior ao que estamos vivendo, tanto de forma negativa ou positiva. Isso porque nenhuma língua é um sistema fechado como nos afirma Camacho (2012, p.

62), “nenhuma língua natural humana é um sistema em si mesmo homogêneo e invariável. Todos os níveis de análise linguística estão sujeitos ao processo de variação”.

E para exemplificar que a língua não é puramente única, mesma composição, pode-se destacar que as línguas humanas têm uma principal característica que é a heterogeneidade. Nesse sentido, de duas ou mais formas em variação que se alternam de acordo com fatores linguísticos e extralinguísticos, motivando ou restringindo a variação.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2010, p.93), “a língua é heterogênea e essa heterogeneidade deve ser buscada na comunidade de fala”, pois é lá que ocorrem as variações na língua. Mesmo sendo heterogênea, é ordenada e organizada, não há um caos. Essa heterogeneidade se dá em diferentes lugares (regiões), idade, sexo, classe social, comunidades com culturas diferentes, grau de escolaridade, e dentre tantas outras diferentes línguas que existem no mundo. Não havendo então uma única verdade definitiva sobre a língua, sobre essa ilusão social de engessamento, é o que Bagno (2007) apresenta,

Na contramão das crenças mais difundidas, a *variação e a mudança linguísticas* é que são o “estado natural” das línguas, o seu jeito próprio de ser. Se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedades, se esses seres humanos e essas sociedades são sempre, em qualquer lugar e em qualquer época, *heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e a transformações*, o estranho, o paradoxal, o impensável seria justamente que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas! (BAGNO, 2007, p. 37).

Essa variação não ocorre só no Brasil, mas em todo o mundo. Para termos essa confirmação, basta atravessar o Atlântico, conhecer outras culturas dialogar com as pessoas, seja nas ruas, bares, escolas ou comunidade específica, que fale sua própria língua, a nativa.

Vale ressaltar que a língua tanto falada quanto escrita não está pronta e acabada está na verdade em constante processo de transformação, pois toda língua muda e varia de acordo com o tempo (muda) e espaço (varia). Desse modo, a língua é variável, ou seja, ela pode ser diatópica (modo de falar de lugares diferentes), diastrática (comparação do modo de falar das diferentes classes sociais), diamésica (comparação entre a língua falada e a língua escrita e também o meio de comunicação), diafásica (uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo

com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal/expressão modo de falar), diacrônica (comparação entre diferentes etapas da história de uma língua/tempo, as línguas mudam com o tempo), (Apud BAGNO, 2007, p. 46-47).

3.1 VALORAÇÃO DE VARIEDADES LINGUÍSTICAS

A valoração da variedade linguística faz um paralelo com a questão do conhecido problema da variação linguística, ou seja, alguns falantes dizem haver um problema na variação, não entendendo que o problema está em não aceitar a língua como ela é, como está inserida em diferentes regiões e classe social. Com base na leitura de Bagno (2007), a questão “problema” é vista da seguinte forma,

O problema está em achar que a variação linguística é um “problema” que pode ser “solucionado”. O verdadeiro problema é considerar que existe uma língua perfeita, correta, bem-acabada e fixada em bases sólidas, e que todas as manifestações orais e escritas que se distanciam dessa língua ideal são como ervas daninhas que precisam ser arrancadas do jardim para que as flores continuem lindas e coloridas! (BAGNO, 2007, p. 37).

Dessa maneira, entende-se que não se tem o devido valor pela sua própria língua, julga-se muitas vezes que a língua do outro é melhor, que as outras pessoas sabem falar e se expressar melhor que você. Porém, as pessoas precisam tomar consciência que cada língua tem o seu valor linguístico, apesar do prestígio social que consegue angariar passa pelas variações linguísticas e há mudança nessa língua.

Alkmim (2012, p. 23) esclarece que “linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano”. Dessa forma, fica claro que a história da humanidade é uma história de seres humanos que são organizados em sociedade, ou seja, são detentores de um sistema de comunicação oral, de uma língua que estabelece a relação entre a linguagem e a sociedade, não pondo em dúvida por ninguém, e ambas não deveriam ser ausentes, mas sim refletidas sobre o fenômeno linguístico. “A sociolinguística diz que a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, descrição e interpretação do comportamento linguístico” (ALKMIM, 2012, p.44). Esse comportamento linguístico se

dá na maioria das vezes de forma preconceituosa, desvalorizando a fala do outro, daquele que está falando naquele momento.

A partir daí pode-se perceber que começa a ocorrer um processo de avaliação ou monitoramento da fala. Acreditando-se que algumas palavras são ditas de forma “errada”, porém, sabe-se que a língua é variada e tem suas diferenças de acordo com o falar das pessoas de cada região. Algumas pessoas optam por determinado uso de língua tendo atitudes diferentes ao uso da fala por outras pessoas. Como nos afirma as autoras Roncarati e Abraçado (2008, p. 315):

Normalmente as atitudes costumam ser a manifestação de preferências e convenções sociais acerca do status e prestígios de seus usuários e, nesse caso, são os grupos sociais de mais prestígio social, ou os mais altos na escala socioeconômica os que ditam a pauta das atitudes linguísticas das comunidades e fala.

Isso porque prefere-se o uso pela língua que tem prestígio e não aquela que se entende o que a outra pessoa fala e sofre variação.

Segundo Fiorin e Beline (2011, p. 122), em seu texto “a variação linguística”, dizem que [...] o que acabamos de ver, ou rever, é um exemplo de variação no léxico do português: “jerimum” e “abóbora” são palavras do português falado no Brasil. Não importa se uma é mais comum num lugar e menos comum no outro. Assim, o que importa é que ambos os vocábulos fazem referência a algo que mesmo sendo um fruto de uma planta, e por conter características que não permitem que seja confundido com outra fruta chamando de “tomate” por exemplo.

As diferenças da linguagem estão presentes em cada espaço social, em lugares que há sempre diálogo, ou em que haja comunicação entre as pessoas. Dessa forma, tem-se o termo variável que “representa o esforço do próprio sociolinguista por generalizações abstratas. Trata-se de uma classe de variantes que constituem duas ou mais alternativas concretas de uso”. (CAMACHO, 2012, p. 62). Dentro dessa variação ocorrem os fatores extralinguísticos, que são os fatores que não são relativos ao sistema linguístico, apesar de estarem associados, pois toda língua, segundo Camacho (2012):

[...] Comporta variantes em função da identidade social do emissor; em função da identidade social do receptor; em função das condições sociais de produção discursiva. [...] Referem-se ao grau de formalidade da situação e ao ajustamento do emissor à identidade social do receptor (CAMACHO, 2012, p. 63).

Dessa forma, surgem alguns estudos sobre a onda variacionista, reconstruindo assim o significado social da linguagem, como nos aponta a seguir:

A primeira onda nos estudos variacionistas, lançada pelo estudo de Labov sobre a cidade de Nova York (1966), estabeleceu correlações entre variáveis linguísticas e categorias sociais primárias, como classe socioeconômica, gênero, idade, escolaridade etc. Os padrões regulares e sistemáticos de covariação social e linguística levantaram questões sobre relações sociais subjacentes às categorias sociais primárias, o que conduziu ao surgimento da segunda onda, caracterizada por estudos etnográficos de populações mais localmente definidas (CAMACHO, 2012, p. 75).

Em concordância com esse estudo e tendo em vista que a língua falada está em constante processo de mudança, vale destacar que “mesmo essas mudanças que ocorrem, não são imediatamente sentidas pelos falantes, nem estes falantes estão necessariamente conscientes de tais mudanças” (GABAS, 2012, p. 89). Gabas (2012) nos afirma ainda que este fato se deve a três fatores que regem as regras de ocorrência, ou seja, “as mudanças são lentas e graduais; elas são parciais, envolvendo apenas partes do sistema linguístico e não o seu todo; elas sofrem influência de uma força oposta, a força de preservação da intercompreensão”.

É fato notável que não falamos no Brasil só a língua portuguesa, pois a mesma é variável. E como já foi dito, em qualquer comunidade de fala podemos observar que existe de maneira simultânea um conjunto de variedades linguísticas. Essa existência não se dá no vácuo, mas no contexto das relações sociais, estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade. Alkmim (2012) reforça essa ideia dizendo que:

Na realidade objetiva da vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, que reflete a hierarquia dos grupos sociais. Isto é, em todas as comunidades existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores (ALKMIM, 2012, p. 41).

Às vezes são os próprios falantes que se acham cultos que criticam os de variedade estigmatizada. Pois, ao se referir ao comportamento do falante em relação à própria variedade, podem ocorrer duas atitudes, a de valorização e a de rejeição da fala. Dessa forma, fica claro que temos que saber como nos portar diante do uso de interação com o outro, ou em relação a seu método de uso da fala, deixando claro que há diversas formas de usá-la, inúmeras variedades.

Pode-se relacionar com o grau de escolarização (acesso maior ou menor à educação formal, à cultura letrada, à prática da leitura), idade (pessoas mais jovens como os adolescentes não falam do mesmo modo que seus pais, nem os pais como as gerações anteriores), sexo (homens e mulheres fazem usos diferenciados que a língua oferece), mercado de trabalho (está relacionado com o vínculo que a pessoa tem com determinada profissão, pois uma advogada não usa os mesmos recursos linguísticos que um pedreiro, nem este os mesmos de um cortador de cana) e redes sociais (cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas que convive em sua rede social, um dos comportamentos é o linguístico), (Apud BAGNO, 2007, p. 43-44).

Em relação a essas variações, tem-se outro nível que pode ocorrer dentro delas que são, a variação fonético-fonológica (pronúncias diferentes para uma determinada palavra, como o R da palavra porta por exemplo), variação morfológica (palavras com sufixos diferentes, mas que expressam a mesma ideia, como Pegajoso e Peguento), variação sintática (frase Uma história que ninguém prevê o final/ Uma história que ninguém prevê o final dela, ou seja, possuem o mesmo sentido, porém o seu elemento está organizado de maneira diferente), variação semântica (depende da origem regional do falante, pois a palavra pode ter sentidos diferentes, como na palavra Vexame, que pode significar “vergonha” ou “pressa”), variação lexical (diferentes palavras, como mijo, xixi e urinar, mas que se referem a mesma coisa) e variação estilístico-pragmática (situações diferentes de interação social com grau maior ou menor de formalidade do ambiente e intimidade dos interlocutores, podem ser pronunciadas pelo mesmo indivíduo de formas diferentes, a depender da interação) (Apud BAGNO, 2007, p. 39-40).

3.2 ESTIGMA SOCIAL

A variedade estigmatizada é considerada como aquela que não tem valor para a norma-padrão, para os ditos falantes cultos, é mais usada por indivíduos do meio social, de baixa escolaridade, no convívio com pessoas da mesma classe social. Pode ser entendida também como uma marca negativa que usuários ditos cultos fazem em relação a fala de algumas pessoas oriundas de zona rural, de classe menosprezada, ou aqueles que não fazem uso/domínio da norma culta.

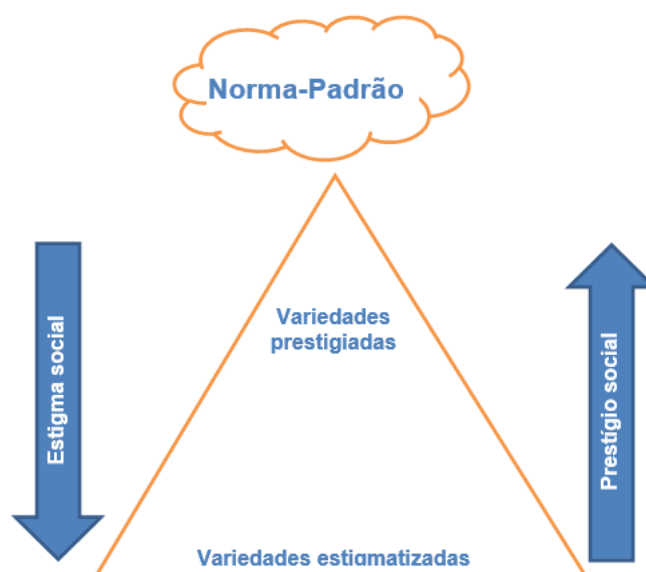
Julgamos na verdade o falante e não a sua fala, são julgamentos de natureza política e social, como nos diz Alkmim (2012), “não é casual, portanto, que se julgue “feia” a variedade dos falantes de origem rural, de classe social baixa, com pouca escolaridade, de regiões culturalmente desvalorizadas. Por que se considera “desagradável”. ” (2012, p. 44).

Em contrapartida a variedade estigmatizada tem-se a de prestígio, que é tida como a que tem poder social maior sobre as outras, comanda a que sofre mudança. Contém um valor cultural arraigado, ou seja, tem valor histórico a vários séculos. Conforme nos afirma Alkmim:

A variedade padrão é a variedade linguística socialmente mais valorizada, de reconhecido prestígio dentro de uma comunidade, cujo uso é, normalmente requerido em situações de interação determinadas, definidas pela comunidade como próprias, em função da formalidade da situação, do assunto tratado, da relação entre os interlocutores etc. (ALKMIM, 2012, p. 42).

Portanto, a variedade padrão é o resultado de uma atitude social ante a língua, que se traduz, de um lado pela seleção de um dos modos de falar entre os vários existentes na comunidade, e de outro lado o estabelecimento de normas do modo “correto” de falar.

Pirâmide linguística:



Fonte: adaptação de Bagno (2007, p. 106)¹

¹ Criação a partir da imagem coletada no livro “Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística”, do autor Marcos Bagno.

A pirâmide acima faz a representação de como está estruturada a variedade estigmatizada e a de prestígio. De acordo com Bagno (2007, p. 106), “aqui a norma-padrão aparece fora do universo da variação, fora dos usos sociais da língua empiricamente comprováveis”. A variedade estigmatizada está na base da pirâmide.

A norma culta surgiu para suprir as necessidades de uma minoria, ou seja, estando como nos apresenta Faraco (2015, p.21-22).

[...] surgiu como uma reação ao ideário de novos autores românticos. Defendiam eles um projeto que desse forma literária as nossas paisagens e às nossas realidades socioculturais. Em outros termos batalhavam por uma independência literária e cultural como desdobramento da independência política (FARACO, 2015, p. 21-22).

O que ocorre na verdade é um estranhamento ao diferente, ou seja, com a escrita diferenciada dos brasileiros, os portugueses começam a ridicularizar os brasileiros alegando erro naquilo que não estava no padrão idealizado pelos colonos.

As críticas negativas a esse ideário e a essa produção literária não se fizeram esperar. Intelectuais portugueses começaram a dizer que os autores brasileiros escreviam mal, desconheciam a língua e cometiam erros de gramática. Na verdade, o que ocorreu neste embate entre falantes foi interpretar como erro as diferenças características do português culto brasileiro frente ao português culto europeu (FARACO, 2015, p. 22).

Isso porque não consideravam certo o que era diferente, tinham como erro dentro da língua. A questão do “erro” vem desde o século XIX, ao qual a elite portuguesa por inveja, ou desqualificar o trabalho do outro, dizia frases que levavam o outro a achar que não sabia escrever, falar, enfim, diminuindo o outro.

O nosso país, Brasil, tem uma divisão sociolinguística, que reflete na “divisão econômica, social e cultural em que se assentou nossa sociedade” (FARACO, 2015, p.25). Essa divisão explica o porquê de haver tantas diferenças relacionadas à fala do português brasileiro, ou seja, assumimos na maioria das vezes uma cultura artificial, do outro, constituindo-se de traços e práticas colonialistas. Sendo então, uma sociedade que se divide segundo o seu grau de alfabetização, status socioeconômico, cultural, social, trabalho (renda).

Constituindo assim o conjunto das variedades do chamado português culto, (variedades típicas e tradicionalmente urbanas, próprias dos segmentos sociais melhor situados na pirâmide econômica e, portanto, com acesso histórico pelo menos à educação básica completa e aos bens da cultura letrada); e, de outro, o conjunto das variedades que constituem o chamado português popular (variedades de origem rural, próprias dos segmentos sociais da parte baixa da pirâmide econômica e, portanto, com acesso historicamente muito restrito à educação básica completa e aos bens da cultura letrada) (FARACO 2015, p. 25).

Dessa forma, pode-se perceber que o acesso à educação estava cada vez mais escasso, ou seja, a sociedade que não tinha uma cultura letrada estava cada vez a mercê da sociedade que tinha a cultura letrada.

As mudanças ocorrem pela interação sociolinguística que há na língua, ou seja, “a experiência de vida é, portanto, sociolinguisticamente heterogênea”. (FARACO 2015, p. 28). As experiências vividas são múltiplas e diferentes, variando de acordo com os espaços que socializamos e pessoas de faixa etária diferentes. “As mudanças que vêm ocorrendo na língua, fala das pessoas, constituem um novo vocabulário ou um novo quadro de relações sociolinguísticas no país e de movimentos de mudanças” (FARACO 2015, p.26).

Nessa direção, a língua é poder, porém tem que se saber fazer seu uso, para que as pessoas que têm certo domínio sobre a mesma não oprimam aquelas que não têm, não são de seu convívio, e não estão habituadas com o seu uso. É definida também como a diversidade de fala que independente do contexto, geralmente leva em conta o status socioeconômico e cultural mais alto, e está no topo da pirâmide.

Segundo os estudos que Bortoni-Ricardo (1945, p.13) a autora apresenta que “nas sociedades modernas, os valores culturais associados à norma linguística de prestígio, considerada correta, são mais arraigados e persistentes que outros usos”. Sendo assim, pode ter forte influência em seu meio sistematizado, como nos explica as atitudes e crenças em relação a esta língua que é um mecanismo e uma “caixinha” de argumentos, exemplos e variações.

Por haver tantas infinitudes de variações, a língua é tida como heterogênea, mas vale destacar que há uma ordem em sua estrutura, digamos que há um alinhamento (organização). Portanto, antes de tudo é preciso que aceitemos a língua que está em uso, a nossa volta como objeto de estudo:

No Brasil, a língua oficial é o português. Mas a sua expressão tem diversas particularidades, pois uma língua nunca é monolítica, estanque. Há sotaques variados em regiões diferentes, por exemplo, e a mesma pessoa pode falar

de diferentes maneiras com um chefe, um amigo ou um juiz. A sociolinguística estuda tanto a variação, responsável por esses fenômenos, quanto a mudança: falamos hoje de forma diferente que nossos avós ou bisavós (COELHO, GORSKI, SOUZA et al).

Ao contrário da ilusão que alguns gramáticos dizem, que a língua é homogênea, Camacho (2012) vem nos dizer sobre o princípio da heterogeneidade que:

Ao assumir, de fato e de direito, o princípio da heterogeneidade inerente à linguagem, a linguística moderna, especialmente a Sociolinguística, eliminou preconceitos, ao afirmar, axiomáticamente, que todas as línguas e variedades de uma língua são igualmente complexas e eficientes para o exercício e todas as funções a que se destinam; eu nenhuma língua ou variedade dialetal impõe limitações cognitivas na percepção e na produção de enunciados (CAMACHO, 2012, p. 76).

Dessa forma, fica claro que a mesma não é homogênea, como a norma-padrão, em que todas as peças se encaixam perfeitamente, mas sim heterogênea.

Vale destacar que “[...] enquanto houver gente falando uma determinada língua, ela sofrerá variação, modificações, transformações, mudanças” (BAGNO, 2001, p. 157). Estará sempre se renovando e modificando com diferentes significados, um produto que está em desconstrução e construção e não em “erro”.

3.3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

O preconceito linguístico acontece através de atitudes e crenças relacionado ao português de falantes de certa comunidade e/ou classe social, raça e também com a maneira de se comportar. Deve-se discutir cada vez mais sobre o preconceito linguístico, para que seja amenizado as ocorrências, pois não se pode sair por aí fazendo julgamento das pessoas sem ao menos se dá a chance de conhecê-las. O preconceito linguístico em muitos casos ocorre com pessoas não escolarizadas, negras e em sua maioria de forma “invisível”.

Como os estudos linguísticos moderno tem revelado, simplesmente *não existe erro* em língua. Existe, sim, formas de uso da língua diferentes daquelas que são impostas pela tradição gramatical (BAGNO, 2001, p. 25-26) .

O preconceito linguístico pode ser identificado em comentários do tipo: “fulano fala errado”, “fulano não sabe falar direito”, “a fala de fulano é feia.” A fala (ou escrita) é julgada em função do status social dos indivíduos que

utilizam, e não pelas características linguísticas em si (COELHO, 2010, p. 149-150).

Reagimos e nos comportamos de maneira coerente em relação aos falantes, principalmente quando corrigimos o outro ou avaliamos no mesmo instante em que falam uma palavra diferente, ou como dizem, “errada”. Porém em alguns casos somos impulsionados a correção imediata ou silenciosa em relação à palavra ou fala da outra pessoa, ignorando seu conhecimento de mundo. Ocorre muitas vezes por parte de quem é escolarizado sobre quem não é escolarizado/alfabetizado, por já ter conhecimento sobre o que é dito “certo” ou “errado”, de acordo com a regra da gramática.

Alguns linguistas a exemplo de William Labov (2007) chamam de mútua e recíproca ignorância essa atitude de criticar a fala do outro e de não se permitir aceitar as múltiplas diferenças linguísticas que há na língua. Sendo assim, são os grupos sociais de maior prestígio, ou os que têm um grau maior socioeconômico que ditam as regras.

Bagno (2013, p. 23) observa que “o preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é “invisível”, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele, com exceção dos raros cientistas sociais que se dedicam a estudá-lo”. Isso porque a noção de erro está impregnada na mente do falante, por mais que ele fale de forma que haja comunicação e entendimento, mas não fala como a outra pessoa, pode pensar que não está falando correto.

Assim explica Bagno (2013),

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe *uma única língua portuguesa digna deste nome* e que seria a língua ensinada nas escolas, explicadas nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, pela ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (BAGNO, 2013, p. 56, grifos do pesquisador).

O nosso embasamento e concepção de “certo” e “errado”, de acordo com o pesquisador, está na gramática, pois fazemos a associação de que tudo o que não está de acordo com a gramática é errado. Desse modo, concebe-se a gramática como uma verdade absoluta, sem questionar o fato de a variação linguística existir e fazer parte do português falado.

4. ANÁLISE DE DADOS

Tendo em vista que a pesquisa assume uma abordagem qualitativa, destaca-se que corresponde ao aprofundamento do conhecimento para interpretar, mediante análise de conteúdo, o contexto do objeto em que está sendo pesquisado. De acordo com Souza (2010).

O uso do método qualitativo possibilita uma compreensão mais substancial das características e limites de cada ator social envolvido com a estruturação do espaço urbano uma vez que possibilita, ao pesquisador, observar o fenômeno a partir da perspectiva do ator envolvido no mesmo. [...] O Método Qualitativo possibilita, ao pesquisador, identificar as motivações que levam os atores sociais ao exercício de suas práticas socioespaciais sendo o mais importante a fundamentação de elementos que sustentem a produção de um discurso capaz de representar o posicionamento de todo o segmento social (SOUZA, 2010, p. 66).

O método qualitativo tem a intenção de saber quais são seus limites e até onde o ser humano é capaz de ir com suas múltiplas habilidades, principalmente quando diz respeito a aspectos sociais relacionado com a sua rotina.

Como procedimento, utilizamos o método pesquisa de campo, que pretende buscar a informação diretamente com o público da pesquisa, tentando compreender o que este compreende a respeito das temáticas enfocadas neste estudo. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. “Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre e reunir um conjunto de informações a serem documentadas” (PIANA, 2009, p. 169).

No que tange aos instrumentos de pesquisa, esta investigação foi feita também por meio da aplicação de questionário, ou seja, instigar perguntas para que se demonstrem suas atitudes e crenças sobre variação linguística. “Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (MARCONI; LAKATOS, 2007, p.203). Portanto, auxilia na aplicação das perguntas, no momento de se aplicar o questionário (conforme segue apêndice I). Nesse sentido, os questionários foram construídos pensando no uso da língua, nos vários fenômenos que vivenciamos, mas não paramos para refletir o porquê. Para tanto, as perguntas não foram feitas de forma direta para os participantes, mas procurou-se propor situações exemplo para que os alunos refletissem sobre a situação e, assim, pudessem responder sobre questões relacionadas com o tema. Dessa maneira, o

questionário aborda questões relacionadas ao conteúdo de atitudes e crenças frente à variação linguística, preconceito linguístico, análise linguística e o monitoramento que fazemos sobre a fala.

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual localizada na zona urbana da cidade de Amargosa-Ba, a qual atende ao público dos Anos Finais do Ensino Fundamental, 6º ano, até o 3º ano do Ensino Médio. Vale ressaltar que essa escola foi escolhida por já ter estagiado lá e o diálogo com os professores e direção ser mais rápida. Porém, foram várias idas ao colégio para que a aplicação do questionário fosse feita, ou seja, cada dia uma questão surgia, pois, os alunos não retornaram de imediato o termo livre e esclarecido para que a coleta de dados fosse feita, fazendo com que atrasasse a aplicação, outro fator foi encontrar todos os alunos para fazer a aplicação do questionário. Após todos os transtornos para que a coleta fosse feita, a pesquisa foi realizada e os dados foram coletados e analisados.

Aplicaram-se questionários (Apêndice I) a alunos do 9º ano, contemplando a faixa etária entre 16 e 22 anos. Foi aplicado um questionário, para 22 (vinte e dois) alunos na própria escola com perguntas abertas, para que os participantes respondessem de forma escrita, tendo como processo a entrega do questionário e devolutiva do mesmo, após terem respondido todas as perguntas. Desse total de 22 (vinte e dois) questionários recebidos, foram selecionados 14 (catorze), considerando aqueles participantes que se mantiveram na temática das perguntas feitas.

Partindo do pressuposto do que já foi estudado, esta pesquisa tem a iniciativa de saber em que as pessoas creem, quais suas atitudes em relação à fala da outra, pois isso implica fatores que estão relacionados com a nossa análise, reflexão, atitude e julgamento para com o falante. Foi para entender essas questões que este estudo foi realizado, principalmente no que diz respeito ao monitoramento da fala.

4.1 ANÁLISES, CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Nesta seção, procedemos a análise das respostas dadas aos 14 questionários. As análises foram feitas a partir do questionário aplicado aos participantes, sendo organizada seguindo a ordem das perguntas feitas aos participantes. Para cada pergunta feita, foram analisadas duas ou mais respostas.

Boa parte dos questionários não apresentam uma resposta concreta sobre o que se está perguntando, pois trazem uma reflexão, não todos, de que as pessoas

podem corrigi-los e que essa ação não os incomoda, partindo da afirmação de que é uma intervenção para que assim falem “certo”.

A primeira pergunta do questionário propunha a situação: Duas pessoas estão conversando e, em um determinado momento, uma das pessoas fala uma palavra e imediatamente a outra corrige dizendo: “Não é assim que se fala não, você está errado, você não sabe falar direito não é?” Após essa descrição, havia o seguinte questionamento: qual é seu posicionamento em relação à atitude de correção da pessoa, que disse que a pessoa não sabia falar?

A participante A respondeu que,

Ficaria **envergonhada**, não gosto dessa maneira de correção, pois ao em vez de nos incentivar a melhorar o português acabamos **ficando triste e constrangido e com uma grande falta de diálogo** (PARTICIPANTE A, 2019).

Já a informante F e o participante H dizem o seguinte,

A pessoa **está certa em corrigir a outra**, mas devemos ver a forma como vai falar que a **outra falou errado**. Fico nervosa quando só porque a pessoa **sabe falar** corrige o outro só porque falou errado, a pessoa pode saber falar mas se não souber interpreta não adianta (PARTICIPANTE F, 2019).

Eu acho normal. Porque se for dois amigos um **falasse errado** eu dava risada com ele, porque não é todas as pessoas que **tiveram chance de estudar** (PARTICIPANTE H, 2019).

É possível notar que a participante A fica com vergonha e não consegue manter o diálogo depois de uma correção que a leva ao constrangimento, esse constrangimento faz relação com aquilo que se acredita, que é ter a norma-padrão ensinada na escola como único exemplo a ser seguido. Remete a situações de correção que potencialmente ela vivenciou ou alguém da sua convivência. Para ela, não é assim que se tratam das questões de inadequações linguísticas.

Porém os participantes F e H acham correto e normal haver a correção, só precisa saber como vai falar que a outra pessoa não está falando “correto” para não a constranger, associa também o fato de não saber falar com a falta de acesso à escola “o preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui” (BAGNO, 2013, p.26). Nesse sentido, pode-se perceber que o próprio falante não se dá conta que está acontecendo o preconceito linguístico sobre ele. Havendo

então uma crença de que quem fala certo é aquele que estudou, há, portanto, uma valorização do saber escolar e da língua da escola, caracterizando todos os outros usos de língua como erro.

Quanto à pergunta 2, propôs-se a seguinte reflexão: Acreditamos em várias coisas, umas delas está relacionada com a forma como falamos. Somos muitas vezes taxados como quem não sabe falar, por falarmos de forma diferente algumas palavras. Portanto, somos vistos de forma preconceituosa e vítimas de vários preconceitos, isso porque falamos abóbara x jerimum, tangerina x mexerica, macaxeira x aipim, ou simplesmente por falar sorrindo x sorrindo, se aproxime x aproxigue. Após essas afirmações, pergunta-se: Como você explica esses exemplos dados? Você acha que uma das palavras dessas duplas de palavras é mais correta que a outra? Por que será que ao usar uma ou outra dessas palavras, as pessoas sofrem preconceito? Você acha que esse preconceito é válido? Por quê?, O participante C respondeu,

O jeito de falar de cada região. Sim. Porque as pessoas tem preconceitos do jeito de falar da pessoa que **fala errado**. Não e não porque nem todo mundo gosta de ser corrigido pelo o seu jeito de falar (PARTICIPANTE C, 2019).

Nota-se que a resposta dada pelo participante é que as duplas de palavras diferentes estão relacionadas com o jeito de falar de cada região, no entanto diz que uma é mais correta que a outra, subjaz a crença de que o falar regional existe, mas é considerado erro. Quando “O que existe, sim, é uma valoração social em relação às variedades linguísticas por parte do Homem, que acaba conferindo a algumas línguas e variedades da língua, prestígio, e a outras, estigmas e preconceitos.” (MARINE; BARBOSA, 2016, p.189).

Para o participante D,

Cada pessoa tem uma cultura diferente ou mora em lugar diferente por isso cada palavra é dita de um jeito diferente. Não. Apenas só é dito de acordo com a região que ela mora. Por elas acharem que as pessoas estão pronunciando errada. Não. Cada pessoa tem um jeito de fala, ou porque são de outra região ou porque falam assim mesmo (PARTICIPANTE D, 2019).

Nesse sentido, o que acontece é que os participantes sabem que as palavras variam de região e cultura, demonstrando o que pensam sobre língua, que este não é um construto único, mas sim variável, de acordo com a região de onde vem. Sobre essa questão Bagno (2013) explicita que, “[...] Em toda comunidade linguística do

mundo existe um fenômeno chamado *variação*, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico o tempo todo” (BAGNO, 2013, p.68). Está aí o porquê de falarmos palavras diferentes de outras pessoas e regiões e por mais que os falantes não souberam identificar qual é o fenômeno que acontece, mas demonstram compreensão sobre o mesmo.

A fim de obter uma resposta relacionada à pergunta sobre crenças propôs-se o seguinte: “Um certo dia estava indo participar de uma reunião de jovens, chegando lá começamos a conversar, cada um em seu grupo formado por aproximação. Chegou o momento de se começar a reunião, pediu-se então que alguém fizesse a leitura de um trecho do livro, porém houve um momento de silêncio, as pessoas não se prontificaram a ler, houve indicações, mas não quiseram ler, pois se julgavam inferiores, dizendo que não tinham uma boa leitura para ler em público”. Diante da situação, questionou-se: como você definiria essa situação? Você já vivenciou situação semelhante, deixando de ler ou falar em público? Por quê?

O participante B e E respondem,

Sim porque **eu não sou capaz de ler em publico** tenho vergonha de falar coisa errada (PARTICIPANTE B, 2019).

Sim, porque as pessoas mim disse que eu não sabia falar direito e que eu era da roça (PARTICIPANTE E, 2019).

Eu já. Por que a vergonha atrapalha, e também quando você fala com muita gente de diferentes lugares elas não vão entende muito suas palavras ficam fazendo pouco de você bem baixinho. **Também fala errado não é diferente não todo mundo erra quando fala** (PARTICIPANTE H, 2019).

É possível compreender que há uma desvalorização da sua língua, pois, os participantes julgam não serem capazes de fazer uma leitura em público, têm vergonha de falar a própria língua, mesmo sendo a língua portuguesa a sua língua materna. Além disso, essas falas apontam para a língua da escola como a prestigiada, certamente estão relacionando com o fato de não conseguirem falar essa língua da escola que possui prestígio. O não falar em público pode ter uma questão pessoal relacionada à timidez por exemplo, mas pode estar relacionado ao fato de, ao longo da sua formação, não ter sido exposto a situações de práticas de linguagem oral de modo a aperfeiçoar a sua prática. Assim, a insegurança pode se relacionar com isso,

nunca foi ensinado a se expressar oralmente em uma variedade prestigiada, então, de certo modo é natural ter dificuldade e sentir falta de confiança.

Acredita também no que as pessoas falam e não no que já traz consigo mesmo, tudo o que já traz consigo aprendeu com os seus pais, avós, tios tias, leva em consideração o fato de ser morador da zona rural não saber falar. “[...] à possibilidade de o indivíduo construir suas crenças, por uma espécie de partenogênese mental, independentemente do caldo ideológico e discursivo em que esteja mergulhado” (SILVA, 2010, p.195).

A próxima situação colocada foi a partir de vários questionamentos, direcionado para o fato de se ele já prestou atenção nas próprias conversas cotidianas: Como você conversa com pessoas desconhecidas ou pessoas que possuem um cargo: professor, diretor, advogado, diretor de empresa? E como você conversa com seus colegas e seus familiares? Há alguma diferença na forma como você conversa com esses grupos diversos de pessoas?

Os participantes fazem uma separação em relação à forma de falar com outras pessoas por aproximação, amizade e profissão. Ao mesmo tempo evidenciam o processo de monitoramento linguístico, pois o falante está monitorando a forma como ele fala com cada pessoa. Seguem os posicionamentos de alguns participantes

Eu faló com minhá família de um jeito e com meus amigos de outro jeito. Em linguajá popular com jirihan [gíria] (PARTICIPANTE I, 2019).

Não. Converso com respeito com todos não desrespeito ninguém mais com os colegas é na **gastação e zoação** então **logo vai ser diferente** (PARTICIPANTE J, 2019).

Já. Porque **se eu conversar com a professora por exemplo é capaz de tomar uma suspensão. Falando gírias, palavrões.** Sim (PARTICIPANTE M, 2019).

Vale destacar que,

O monitoramento opera não só na língua falada, mas também na língua escrita. Não escrevemos um bilhete para o namorado da mesma maneira como escrevemos uma carta de apresentação a uma empresa onde estamos tenta obter uma vaga para trabalhar (BAGNO, 2007, p. 45).

O processo de monitoramento presente na fala dos participantes demonstra as crenças a respeito do que é língua. Devido ao conhecimento que cada indivíduo possui sobre determinadas práticas sociais e seus usos de linguagem, conseguem

diferenciar uma conversa informal de uma formal, saber, por exemplo, que está no momento de diálogo ou em uma conversa entre amigos ou um palestrante, no ambiente em que se requer certa formalidade. Pode-se perceber que os participantes quando dizem que falam com a família de uma forma, com os amigos e a professora de outra forma, demonstram esse conhecimento sobre as práticas que é sustentado por crenças que reforçam essa “separação” que os falantes fazem do status social das pessoas, pois ele acredita que precisa adequar sua linguagem para ser bem aceito em um ambiente.

A próxima reflexão solicitada dos informantes foi: o que você faria se estivesse em uma situação em que está conversando e seus colegas lhe corrigem quanto ao uso de determinada palavra? Você já passou por isso? O que eles falaram para você? Você concorda com esse tipo de correção? A respeito desses questionamentos, alguns informantes se posicionaram da seguinte forma:

Ficaria com muita vergonha, já sim, nossa **o teu “português” está ótimo, tem que voltar para primeira serie.** Não. Acho desnecessário (PARTICIPANTE A, 2019).

Sim, mas depende da situação algumas vezes ficamos com vergonha quando estamos junto com muita pessoa (INFORMANTE K, 2019).

Sim, mas se falar com educação sem deboche e sem preconceito e eu tento andar ou falar certo (PARTICIPANTE L, 2019).

Não, porque tem vez que a pessoa fala **mas tu er burro** por isso que eu não gosto (PARTICIPANTE N, 2019).

Sim, eles mim corrigiram e acho certo que assim temos um **conhecimento de linguagem melhor** (PARTICIPANTE O, 2019).

O participante K diz ficar constrangido com a correção, já o participante L acredita no ideal de certo padrão, o informante O diz que a correção ajuda na forma de falar. Essas afirmações comprovam o que Bagno reflete, para o pesquisador “nunca é demais repetir: **a avaliação é essencialmente social**, isto é, não é propriamente a língua que está sendo avaliada, mas, sim, a pessoa que está usando a língua daquele modo” (BAGNO, 2007, p. 77). Fica, então, perceptível que a avaliação linguística acontece necessariamente de pessoa para pessoa e com o seu status social, não exatamente com a sua fala, como nos apresentam os informantes quando afirmam que por estarem no 9.º ano não deveriam falar de forma que “só se fala” quando está na primeira série. Fazem comparação também de sua fala com um

animal, que não sabe falar não raciocina, menospreza a fala daquele que está se expressando.

Sendo assim, os informantes fazem uso de um fenômeno que está relacionado com o seu dia a dia, mas não se dão conta, pois é algo natural do ser humano fazer usos de determinados conceitos e não refletir o que significam.

As análises e os comentários acima feitos sugerem que os alunos do 9.º ano têm uma visão distante do que seria a avaliação de atitudes e crenças e o que seria variação linguística e preconceito linguístico, relacionando apenas ao famoso “certo” e “errado” da língua portuguesa. Porém, compreendem alguns fenômenos que acontecem na língua, apesar de correlacionarem ao fator escolar, direcionando o saber para quem estudou e demonstram que fazem uma valorização do saber escolar e da língua da escola, a língua de prestígio.

Esses dados de certo modo são preocupantes, pois ao passo que os alunos se pautam pela noção de erro e não compreendem a de adequação linguística vão sempre acreditar ou julgar que existe um padrão ideal e certo que eles devem usar. Isso pode levá-los a terem atitudes que estão influenciadas por seus pensamentos e não pelo que sabem ou buscam saber.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou fazer uma reflexão acerca da análise de atitudes e crenças sobre variação linguística entre alunos dos anos finais do ensino fundamental de Amargosa/BA, em uma turma do 9.º ano, buscando analisar como se dá a descrição e análise/atitude entre falantes do ensino fundamental.

Sendo assim foi feita uma pesquisa para saber como as pessoas de uma mesma realidade avaliavam a fala das outras. Pois o preconceito linguístico ainda é desconhecido em muitos lugares, principalmente em comunidades em que há variações múltiplas, e a língua é estigmatizada por falantes que se dizem cultos ou aceitam a língua determinada pela gramática prescritiva e normativa, aquela que é ensinada nas escolas.

Nesse sentido, a fim de obter respostas para o objetivo geral, os mesmos foram alcançados mediante análise dos questionários e ficando entendido que as crenças e atitudes em relação à variação e ao preconceito linguístico entre falantes de uma mesma realidade, estão associadas e atreladas a fatores sociais e sobre o que aprendem ao longo do processo escolar. Com os objetivos específicos foi perceptível identificar as crenças que subjazem às discussões sobre preconceito linguístico e variação linguística, reconhecendo as noções de monitoramento de uso de língua presentes na fala dos participantes, sendo alcançados, pois os participantes não entendem que o monitoramento faz parte do nosso jeito de analisar a fala do outro.

Descobri sobre essa temática que os alunos fazem uma análise da língua de acordo com o que é aprendido na escola e não com a sua bagagem familiar, com o que já trazem, as suas crenças ficam à parte quando dizem respeito ao saber falar “certo” e “errado”. A variação linguística é outro fator entendido, mas não definido pelos alunos, eles sabem que há uma variação, porém não sabem o nome que é dado para esse fenômeno. Bem como o monitoramento que há na língua, buscando subsídios em autores que discutem a variação linguística, tendo como abordagem metodológica a língua falada e seu processo de mudança.

Considerou-se relevante neste trabalho entender o que os alunos sabem sobre preconceito linguístico, a variação linguística, o uso da avaliação linguística, que permeia por todos os espaços juntamente com o monitoramento linguístico.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Crenças e atitudes linguísticas**: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. São Paulo, 2008. P.105-112.

ALKMIM Tânia; CAMACHO, R. G; JÚNIOR, Nilson Gabas. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 9ª. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BAGNO, Marcos. **Linguística da norma**. (org) 3ª. ed. São Paulo: Loyola, 2012 (p. 35-56).

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?**: um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 55ª. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. **Crenças sobre aprendizagem de língua, Linguística Aplicada e ensino de línguas**. Linguagem & Ensino, v.7, n.1, p.123-156, 2004.

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (org). **Introdução à linguística**. 6ª. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

BORTONI-Ricardo, Stella Maris. **Nós cheguem na escola e agora?**: sociolinguística & educação. São Paulo: parábola, 2005.

COELHO, Izete. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/ UFSC, 2010. Disponível em: <[http://petletras.paginas.ufsc.br/files/2016/10/Livro-Texto Sociolinguística_UFSC.pdf](http://petletras.paginas.ufsc.br/files/2016/10/Livro-Texto_Sociolinguística_UFSC.pdf)> Acesso em: 20 set. 2018.

FARACO, Carlos Alberto. **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. Org. ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

LABOV, William. **Sociolinguística**: uma entrevista com William Labov. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br]. Disponível em:<http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf>Acesso em: 16 jul. 2018.

LUCCHESI, Dante; ARAÚJO, Silvana. **A teoria da variação linguística**. 2002. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>> Acesso em: 16 jul. 2018.

MADEIRA, Fabio. **Alguns comentários sobre a pesquisa de crenças no contexto de aprendizagem de língua estrangeira.** São Paulo, 2005. p. 350-355.

MARINE, Talita de Cássia. BARBOSA, Juliana Bertucci. **Em Busca de um Ensino Sociolinguístico de Língua Portuguesa no Brasil.** Londrina, 2016. p. 185-215

MARTINS, Joaquim. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso:** instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos. 3ª. ed. Petrópolis: vozes, 2009.

OLIVEIRA, Thiago Soares de. **A sociolinguística e a questão da variação:** um panorama geral. V.19, n. 25. Revista Letras: Curitiba, 2017.

PIANA, Maria Cristina. A construção do perfil do assistente social no cenário educacional [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. ISBN 978-85-7983-038-9. Available from SciELO Books. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-9788579830389_06.pdf> Acesso em: 20 set. 2018.

RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (orgs). **Português brasileiro II:** contato linguístico, heterogeneidade e história. 1ª. ed. Eduff, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral.** Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26ª ed. São Paulo: Cultrix: 1995.

SILVA, Flávio Brandão; BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. Crenças e Atitudes Linguísticas: o que pensam os alunos de Letras sobre o ensino de Língua Portuguesa. **Revista Letras & Letras**, Uberlândia, vol. 31/2, jul/dez 2015.

SILVA, Kleber Aparecido da. **Crenças, discursos & linguagem.** Vol.6. Pontes. Campinas, 2010.

SILVA, Hélen Cristina da; AGUILERA, Vanderci de Andrade. **O poder de uma diferença:** um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. Alfa. São Paulo, 2014. P.703-723.

SOUZA JÚNIOR. X. S. de S. **O uso do método qualitativo na análise da influência dos movimentos sociais urbanos na produção do espaço.** V. 16, 2010.

APÊNDICE

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PARTICIPANTES

Questionário Linguístico

1. O que você faria diante da seguinte situação: Duas pessoas estão conversando e, em um determinado momento, uma das pessoas fala uma palavra e imediatamente a outra corrige dizendo: “Não é assim que se fala não, você está errado, você não sabe falar direito não é?” Qual seu posicionamento em relação à atitude do outro, que disse que a pessoa não sabia falar?

2. Acreditamos em várias coisas, umas delas está relacionada com a forma como falamos. Somos muitas vezes taxados como quem não sabe falar, por falarmos de forma diferente algumas palavras. Portanto, somos vistos de forma preconceituosa e vítimas de vários preconceitos, isso porque falamos abóbara x jerimum, tangerina x mexerica, macaxeira x aipim, ou simplesmente por falar sorrindo x sorrindo, se aproxime x aproxiegue. Como você explica esses exemplos dados? Você acha que uma das palavras dessas duplas de palavras é mais correta que a outra? Por que será que ao usar uma ou outra dessas palavras, as pessoas sofrem preconceito? Você acha que esse preconceito é válido? Por quê?

3. “Um certo dia estava indo participar de uma reunião jovem, chegando lá começamos a conversar, cada um em seu grupo formado por aproximação. Chegou o momento de se começar a reunião, pediu-se então que alguém fizesse a leitura de um trecho do livro, porém, houve um momento de silêncio, as pessoas não se prontificaram a ler, houve indicações, mas não quiseram ler pois se julgavam inferiores, dizendo que não tinham uma boa leitura para ler em público”. Como você definiria essa situação? Você já vivenciou situação semelhante, deixando de ler ou falar em público? Por quê?

4. Você já prestou atenção nas suas conversas cotidianas? Como você conversa com pessoas desconhecidas ou pessoas que possuem um cargo: professor, diretor, advogado, diretor de empresa? E como você conversa com seus colegas e seus familiares? Há alguma diferença na forma como você conversa com esses grupos diversos de pessoas?

5. O que você faria se estivesse em uma situação em que está conversando e seus colegas lhe corrigem quanto ao uso de determinada palavra? Você já passou por isso? O que eles falaram para você? Você concorda com esse tipo de correção?